



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

História

História de Cícero Cordeiro dos Santos









História completa

IDENTIFICAÇÃO

Cícero Cordeiro dos Santos, nascido em Julho de 57. Eixo, Pernambuco.

CANÃ DE CARAJÁS

Criação

Em Canaã dos Carajás eu cheguei na infância da colônia. Na época de 80, 82, 83. Cheguei a trabalhar, subir aquelas escadas muito perigosas, pesadas atrás do pão de cada dia. Era pai de família, três filhos nessa época, como tenho Graças a Deus até hoje, todos estão vivos e lutando pelo pão. Foi a época que foi fechado Serra Pelada. Teve uma quebradeira muito triste, aquela confusão, o pessoal foi esparramando, foi aí que veio a infância dessa colônia, CEDERE2, que hoje é Canaã dos Carajás.

Admissão

Vimos para cá com muita luta. Era uma tristeza, era uma entrevista muito grande, de 70 pessoas poderiam passar dois ou três. Uma burocracia muito grande naquela época. Nessa época eu tinha uma hérnia e não foi possível passar na entrevista, eles disseram: ?Não?. Uma amiga da gente da Serra dos Carajás, Dona Socorro: ?Não, eu dou permissão. O senhor pode ir em casa buscar sua esposa, mas se ela tiver problema, não tem como.? Eu trouxe ela, no mesmo dia ela foi entrevistada, era mais ou menos às 3 horas da tarde, por aí assim, no CEDERE1, ali pertinho de Parauapebas. No final, ela foi eliminada por causa de três pintas de pano branca em cima da papa direita. Eu fiquei surpreendido com aquilo: ?Doutor, mas tenha paciência, só por causa disso? Tenha paciência?. Aí ele diz: ?Não, não tem jeito?. Aí eu falei: ?Eu sou um pai de família, eu não tenho esse costume de pegar nada de ninguém, se eu começar a matar ou roubar vai ser daqui?. Aí chegou a Dona Tereza, ?Está de cabeça quente? Toma uma fichinha, vai lá e toma um café.? Peguei aquela fichinha, fui lá na cantina, tomei um cafezinho. Ela diz: ?Me aguarda 15 minutos?. Mas esses 15 minutos para mim foram um dia ou mais. Aí chegou ela: ?Dona Raimunda, me acompanhe para fazer uma entrevista de novo.? Aí ela acompanhou. Acompanhou, aí foi lá, quando ela chegou lá já foi criando aquele diálogo, já foi ficando lento, tranquilo. Ele disse: ?Pode entrar Dona Raimunda, a senhora vai fazer a ficha do seu terreno, a inscrição.? Aí o que aconteceu? Nós fizemos no dia, eu não sei, 14 ou foi 15 de maio de 84. Aí diz: ?Dona Raimunda, está tudo prontinho, no mês de agosto a senhora vem com foíce, facão, machado, plástico, traz tudo?. Nós chegamos aqui no dia 3 de agosto, 3 horas da tarde.

Início

Aqui era tudo mato, aqui não existia nada. Existia uma estradinha já para Xinguara, uma estradinha só. Existia uma meia dúzia de casinhas e estavam fazendo um limpeiro para fazer o hospital do GETAT, antigamente era GETAT. Aí fomos para a Serra Dourada, não gostamos do lote. Então eu digo: ?Não, o dia que Deus preparar um lote que me agrade eu não dou trabalho?. Fomos para a Serra Dourada, passamos uns 3 ou 4 dias lá na terra, mas nós não gostamos. Quando chegamos aqui, eles falaram: ?Ó, Seu Cícero, nós vamos fazer o despejo de todo mundo?. ?Eu não me conformo, aqui isso é permissão do governo, do estado, nós permanecemos pelo governo do estado, está aqui?. Tinha uma japonesa junto, uma doutora, ?eu não me conformo a senhora falar esse tipo de coisa e eu digo ?Daqui eu não saio não, eu vou aguardar. ?Aí diz: ?Então aguarda até amanhã meio-dia. Até o meio-dia. ? Aí eu digo, ?Tudo bem, pode passar aí, não tem importância que a gente está aqui. O que Deus preparar, nós vamos conformar aqui?.

Cotidiano

Era alegre porque tinha muita gente, gente de toda parte. Todo mundo brincava. Nesses intervalos não existia água de maneira nenhuma. Nós fazíamos fila, íamos lá para o pé daquela Serra, dentro de um brejo um companheiro fez uma cacimba, então tinha aquela aguinha, e ele não negava para nós. Quando a gente pegava água de manhã, não pegava à tarde porque tinha os outros. Quando a gente fazia almoço, não fazia janta. Tinha um caminhãozinho três quartos do GETAT carregando água. Ele dava um copinho para beber, agora para banhar e outra coisa não, eles não davam. Era um tempo de muito sacrifício.

CEDERE3

Quando foi no dia 22 de agosto, a doutora chegou e disse: ?Agora não tem jeito, vai desocupar, vai para o CEDERE3. ? Aí nós saímos daqui para lá, as estradas eram novas, nessa época não tinha ponte, não tinha nada. Quando nós chegamos lá, a terra era muito ruim no CEDERE3, eu não gostei.

Os doutores do GETAT já tinham implicado com a gente porque a gente queria mordomia, eu digo ?Não, mordomia tem os senhores, agora nós não. Porque nós é que vamos ficar no sufoco, nós é que viemos, que somos pais de família, que nós é que vamos agüentar o sufoco. Vocês, acabou aqui, vão embora. ? Como aconteceu. Aí ficamos, batemos a rocinha, não deu tempo de queimar mais e ficamos lá. Naquela época, a ajuda de custo foi de três salários mínimos. Os primeiros que chegaram tinham tudo, nesse intervalo nós recebemos uma casa de madeira, 6X7 Com quatro cômodos, mas não tampada. A gente se virou, tirou folha e tampou ela.

Chuvas

Quando foi no dia 14 de novembro baixou uma chuva e ali foi arrancando pinguela, foi arrancando tudo, nós ficamos lá. Quando chegava ali no rio o ônibus não ia, o ônibus de Parauapebas que dava assistência aqui dentro. Não tinha ônibus, era o maior sufoco pra gente avançar. Dia tinha canoeiro, outro dia, não tinha.

CEDERE2

Eu fui carregado por duas vezes de malária, a minha esposa foi carregada por duas vezes também com malária. E a gente foi agüentando, até a gente dizer, ?Não vamos agüentar. ? Nesse intervalo, nós passamos 5 anos lá dentro sofrendo. Não tinha ponte, não tinha transporte não tinha nada. A gente só vivia doente, aí eu fui para Parauapebas, me internei 14 dias. Aí o médico chegou e falou: ?Olha, que jeito é lá a propriedade de vocês? Vai lá e traz uma amostra da água para a gente fazer uma análise? Minha mulher voltou lá, trouxe a água, aí ele chamou a minha esposa e disse: ?Esse homem não pode ficar lá. Se ele ficar lá ele vai morrer. Não pode. Acabou-se?. Aí ela ficou com medo de contar à gente, disse: ?Pai, eu vou te contar um negócio: o médico falou para mim que se você ficar aqui vai morrer. ? Digo: ?Jamais acontece. Essa gente morre em qualquer lugar?. Ela disse: ?Mas, rapaz, não pode. Nós não podemos mudar agora?. ? Faz o seguinte, eu vou para o CEDERE2, você vai ficar aí com os meninos enquanto termina a colheita de arroz, de feijão, e eu vou?. E assim eu fiz, cheguei aqui e a gente já tinha um conhecimento com um colono, com o irmão João Lacerda Sobrinho. Aí cheguei lá, ele foi me dando um servicinho para capinar, capina de capoeira, plantando feijão e aí foi surgindo algum servicinho aqui na rua. A gente ia limpar quintal para os outros. Uma dificuldade tremenda nessa época, nós não tínhamos comunicação, não tínhamos saúde, não tinha nada aqui, foi uma coisa absurda. Foi o tempo que o GETAT juntou tudo mundo, deixou a gente lá dentro do mato e foi embora, deixou todo mundo aí na solidão.

Infra-estrutura

Aqui era um lugar que não tinha estrutura de nada, mas a gente foi agüentando, devagarzinho, botava uma roça para os outros, trabalhando para os outros. Aí foi quando resolveram vir implantar escola aqui em Canaã dos Carajás que era CEDERE2. Aí foi melhorando, montaram o telefone ali. Foi arrumada uma vaga na Telepará para a minha esposa trabalhar na limpeza, ela se inscreveu no colégio do estado, correu atrás. Até que ela conseguiu ir trabalhar no Estado. Com poucos dias surgiu uma vaga para mim, aí eu fui trabalhar no Estado. Aí, graças a Deus, trabalhamos uns 9 anos pelo Estado. Canaã foi desenvolvendo através de serviços, da prefeitura, do estado, aqui não tinha estrutura, aí foi chegando muita lavoura, aí já foi virando bacia leiteira, muito arroz, banana, feijão. Aí foi começando a desenvolver, já ia dando emprego para o pessoal, foi quando emancipou. Cada um já tinha um barraco para morar, fraco, mas a gente já tinha. Foi criando aquele diálogo e acreditando em Canaã dos Carajás, a gente foi acreditando e hoje eu dou graças a Deus, me encontro aqui cansado e amadurecido, mas gosto de Canaã, acreditei em Canaã.

Política

Fizemos dois prefeitos, Cimar Gomes da Silva e Anuar, mas infelizmente o primeiro pleito era um caboclo jovem, colono junto com a gente lá no CEDERE3. Mas a gente ?Não rapaz, não vai brigar por ninguém de fora, não, vamos brigar por um amigo daqui, que tem costume com esse

povo.? Nesse intervalo, não tinha escola para os meninos. E aí a gente foi lutando, brigando, eu toda vida fui uma pessoa que briguei, nesse intervalo briguei porque a escola era muito longe. Através de Marabá, eu consegui uma professora, a casa que me deram do Incra, reformei, desmanchei a parede por dentro, fiz banco para sentar, fiz banquinho para escrever, furamos uma cisterna, fizemos com tijolo manual, calcei a cisterna, o estado nada me deu. Aí essa escola trouxe o nome Cícero Cordeiro dos Santos. Então nesse tempo aí, foi crescendo, o nosso companheiro Cimar não teve uma administração, era jovem, aí a gente disse ?Cimar, pelo amor de Deus, rapaz, te cuida, você não está fazendo coisa organizada, não tem jeito.?. Ele tinha uma senhora, não era casada mas tinha filho, essa senhora trabalhadora trabalhava com ele na roça. Aí quando ele foi eleito, ele achou que ela não servia mais. Trouxe uma mulher, botou na companhia dele. E aí, o povo foi fazer, foi falando com ele e ele diz ?Não, vou mandar ela embora?. E aí ele não tinha uma séria administração, todo mundo ficou preocupado, teve um momento que a gente ficou contra ele, mas teve momento que a gente engolia aquilo, para não dar escândalo com o companheiro. Aí foi nesse intervalo que eu descobri uma amiga que hoje é deputada do PT. Uma grande amiga da gente, ela já foi trazendo as coisas para a gente, já foi melhorando, aí o que aconteceu? Botaram ele para fora. Aí veio o Senhor Raimundo Camelão me parece que ele foi presidente da Câmara por poucos meses. Começou a fazer baderna de novo, tiraram ele. Já passou por dois prefeitos. Aí ficou o Sebastião Bruno. Era um bom companheiro, aí ele parece que já começou a sentir o cheirinho do dinheiro, que é a maldade de muitos, aí ele abandonou a esposa e arrumou outra mulher. Aí foi indo aquilo. Aí com tudo isso, e nós de cima, foi trabalhando, já deixou serviço em Canaã, algum serviço, alguma escola, que hoje só tem o nome, foi desmanchado tudo. Deixou a Praça Camélio Gomes, deixou a Praça da Bica, ele deixou feita, agora que desmanchou, mas ele deixou pronta, deixou uns três a quatro carros novos na prefeitura, deixou ambulância, deixou caçamba, ele já deixou uma estrutura mais ou menos. Aí foi o tempo que veio o nosso companheiro Anuar Alves da Silva, elegemos ele. Muita luta, hoje, devido àquela infância do Sossego, Canaã é outra história, era tudo terra e sequeira, tudo mato, sequeira tinha muito.

RELAÇÃO CVRD/COMUNIDADE

Canaã dos Carajás

Nesse intervalo o povo foi desesperando. Quem não acreditou em Canaã, não acreditou. Pegou o que tinha, vendeu por besteira, foi embora. Hoje, não pode voltar mais. Graças a Deus, tudo tem o tempo e a hora determinada, a Vale veio. Veio, começou a marcar a estrada daqui para Parauapebas, fizeram a topografia de Parauapebas. Ele já vinha aqui, já fazia reunião, que poderia acontecer ou não, que eles estavam trabalhando em cima disso e nós não nos preocupássemos. Que foi a realidade. Aí veio o convite para nós, pessoal de Canaã dos Carajás ir a Carajás, nesse dia que nós fomos saber do que se tratava da Vale do Rio Doce. Mandou 11 ônibus, nós fizemos fila ali na porta da prefeitura, nos recebeu muito bem, tranquilo, um povo muito educado. Pediram documento de todo mundo, identidade, CPF, tudo, marcavam muito. Aí foi falando: ?Está liberado, vamos entrando devagarzinho?. O povo foi acelerando, ?Vamos entrando.? Aí nós fomos entrando devagarzinho. Em cada ônibus ia um pessoal da Vale. Quando nós subimos a Serra, contaram o objetivo daquela viagem nossa, o que ia virar, o que tinha para acontecer, que há muito tempo vinham fazendo essa pesquisa da Vale do Rio Doce. Chegamos na 45, deram crachá, camiseta, boné para todo mundo. Churrasco era à vontade para todo mundo. Foi um dia dos dias mais alegres, recebemos o Presidente da República em Carajás. Ele nos recebeu e foi passando a palavra: ?Olha, vocês de Canaã, estão de parabéns.?. Lá o nosso salão era separado para todo mundo, os outros iam para a galeria, o nosso era separado, todo forrado de tapete, cadeira, tudo forrado de branco. Nos receberam com alegria, com satisfação, junto com os deputados que a gente conhecia, Cláudio Almeida estava lá, dando aquela solenidade para nós, nos recebendo. Então foi um dia de alegria. Então foi isso, desse dia pra cá, Canaã acelerou de uma vez. Hoje eu dou nota 10 à Vale do Rio Doce, que nos trouxe uma esperança muito grande, deu uma acelerada muito grande no Brasil. O nosso companheiro prefeito entrou em parceria com a Vale. Aonde hoje nós temos vagas, temos vários metros de asfalto na nossa porta, nós temos esperança de ter uma água maravilhosa, temos asfalto, graças a Deus, porque nós andávamos na lama. Acabou a poeira, a nossa cidade recebeu mais benefícios : médico, hospital, a educação cresceu bastante. Canaã , graças a Deus, vai chegar ganhar um dia o nome de ?Princesinha do sul do Pará?, porque nós vivemos aqui. Nós não tínhamos estrutura para nada, poucos conseguiam emprego. Por que? Porque estava desestruturado, então hoje, graças a Deus, cansado e amadurecido, mas acredito em Canaã, primeiramente em Deus, acredito no prefeito, ajudei o prefeito, estou prontinho para ajudar. Chegou muita gente de fora, hoje eu até lamento a situação, tem muita gente aí sem estrutura de moradia, a gente vê mãe de família com o balaio na cabeça, aquela cesta na cabeça para vender um cafezinho. ?Não comadre, não desespera não, não pode desesperar não. Vocês acreditem em Canaã. O prefeito vai dar um lote como já deu para todo mundo, vai ajudando devagarzinho, agora acredite em Canaã, que é um lugar que tem estrutura agora para sobreviver?. Inclusive tivemos várias entrevistas com o pessoal da Vale, o que eles prometeram, devagarzinho, estão fazendo porque tudo não vem no tempo e hora, porque tudo também tem um regulamento, não é isto? Estou satisfeito que a Vale tenha vindo para Canaã, veio, acreditou, pensava que era uma boa, já abalou o Brasil inteiro, e está fazendo um trabalho formidável para Canaã e nós ficamos contentes com isso. É isso que nós desejamos, tudo que vier para Canaã, será bem-vindo. Estamos de braços abertos para receber qualquer tipo de trabalho que seja benefício para o povo de Canaã seja bem vindo.